



Revista
Educar Mais

Histórias de vida e pesquisa (auto)biográfica: contribuições para a formação da identidade docente

Life stories and (auto)biographical research: contributions to the formation of the teaching identity

Historias de vida e investigación (auto)biográfica: contribuciones a la formación de la identidad docente

Bruno Miranda Freitas¹; Paulo Meireles Barguil²

RESUMO

Este texto objetiva discutir sobre as Histórias de vida e a Pesquisa (auto)biográfica nas Ciências Humanas, e, de modo especial, na área da Educação, e apresentar as suas contribuições para a formação da identidade docente. As Histórias de vida e a Pesquisa (auto)biográfica são práticas autopoiéticas, nas quais o sujeito identifica aspectos formadores nas suas experiências e constitui sentido à sua trajetória. Neste artigo, de natureza bibliográfica, analisaremos aportes teóricos de Josso (2010), Pineau e Le Grand (2012), Ferrarotti (2014), Delory-Momberger (2014), Dominicé (2014a, 2014b, 2014c), Nóvoa (2014) dentre outros. Conforme esse referencial, a reflexão sobre a trajetória pessoal é um movimento investigativo e formador da identidade, a qual não é fixa, pois o sujeito pode reconfigurá-la em virtude de novas experiências e interpretações.

Palavras-chave: Histórias de vida; Pesquisa (auto)biográfica; Identidade docente.

ABSTRACT

This text aims to discuss Life histories and (auto)biographical Research in the Humanities, and, especially, in the area of Education, and to present their contributions to the formation of the teaching identity. Life histories and (auto)biographical research are autopoietic practices, in which the subject identifies forming aspects in his experiences and constitutes meaning in his trajectory. In this article, of bibliographic nature, we will analyze theoretical contributions of Josso (2010), Pineau and Le Grand (2012), Ferrarotti (2014), Delory-Momberger (2014), Dominicé (2014a, 2014b, 2014c), Nóvoa (2014) among others. According to this framework, the reflection on the personal trajectory is an investigative and identity-forming movement, which is not fixed, as the subject can reconfigure it due to new experiences and interpretations.

Keywords: Life stories; (Self) biographical research; Teaching identity.

RESUMEN

Este texto tiene como objetivo discutir las historias de vida y la investigación (auto) biográfica en las Humanidades y, especialmente, en el área de la Educación, y presentar sus aportes a la formación de la identidad docente. Las historias de vida y la investigación (auto) biográfica son prácticas autopoiéticas, en las que el sujeto identifica aspectos formadores en sus vivencias y da sentido a su trayectoria. En este artículo, de carácter bibliográfico, analizaremos las aportaciones teóricas de Josso (2010), Pineau y Le Grand (2012), Ferrarotti (2014), Delory-Momberger (2014), Dominicé (2014a, 2014b, 2014c), Nóvoa (2014) entre otros. De

¹ Graduado em Ciências da Natureza e Matemática com habilitação em Biologia pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). E-mail: bmfbruno91@gmail.com

² Bacharel em Computação, Pedagogo, Mestre e Doutor em Educação. Professor Associado IV da Universidade Federal do Ceará (UFC), lotado no Departamento de Teoria e Prática do Ensino, da Faculdade de Educação. E-mail: paulobarguil@ufc.br

acuerdo con este marco, la reflexión sobre la trayectoria personal es un movimiento investigativo y formador de identidad, que no es fijo, ya que el sujeto puede reconfigurarlo a partir de nuevas experiencias e interpretaciones.

Palabras clave: *Historias de vida; (Auto)investigación biográfica; Identidad docente.*

1. INTRODUÇÃO

Falar de si não é prática rotineira, tampouco fácil! As Histórias de vida são práticas multiformes e antropológicas, que buscam constituir sentido à vida das pessoas. Inserido nas Ciências Humanas, o Método e a Pesquisa (auto)biográfica são meios que oportunizam os sujeitos a (re)construírem sua trajetória pessoal de vida, atribuindo sentidos e buscando compreender o que foi formador.

Bueno, Chamlian, Sousa e Catani (2006, p. 402) afirmam que a intensificação da adoção de autobiografias e histórias de vida em pesquisas sobre formação de professores e profissão docente,

[...] no Brasil, sobretudo a partir dos anos de 1990, contribuiu para renovar a pesquisa educacional sob vários aspectos, notadamente no que diz respeito à pesquisa e à formação de professores, fazendo aflorar o interesse por questões e temáticas novas, tais como as que se configuram nos estudos sobre profissão, profissionalização e identidades docentes.

Este artigo, de natureza bibliográfica, tem como objetivo refletir sobre as contribuições das Histórias de vida e da Pesquisa (auto)biográfica na Educação, as quais são importantes recursos para qualificar a formação docente.

2. HISTÓRIA DE VIDA: GÊNESE E DESENVOLVIMENTO

Quando as Histórias de vida surgiram? Obviamente que os viventes não esperaram a expressão "Histórias de vida" surgirem para poderem viver e narrar sua vida! As Histórias de vida surgiram "[...] no século V A. C., com o nome de *bios*." (PINEAU; LE GRAND, 2012, p. 43, grifo no original).

Em relação a isso, Freitas e Barguil (2019, p. 34, grifo no original) afirmam que

As *bios* surgiram com o intuito de redefinir a identidade dos povos buscando construir sentido e conhecimento dos grandes feitos dos homens na sociedade a partir de cartas, poemas e anedotas. Em Roma, a autobiografia teria surgido no século II a.C.; enquanto a biografia no século seguinte.

O termo "biografia" surgiu dez séculos mais tarde e "autobiografia" vinte e quatro séculos depois, em 1800, na Alemanha e na Inglaterra. No século IV A. C., o homem público na Grécia antiga construía sua história na ágora (DELORY-MOMBERGER, 2014). Era o seu momento!

[...] ele vive, fala, pensa em praça pública, com todo o seu ser ele procura a notoriedade, isto é, o reconhecimento do olhar público que lhe devolve sua imagem e seu status dentro da cidade e que se confunde com o sentimento que ele tem de si mesmo. (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 52).

Ainda na Idade Antiga, no fim do século IV, As Confissões de Santo Agostinho¹ são tidas como referências sobre a narrativa (auto)biográfica, pois o autor descreve sua trajetória de conversão e celebra a infinita grandeza de Deus.

Esta obra, recebida como a primeira autobiografia moderna e na qual a posterioridade ainda não acabou de exercitar-se, apresenta-se, primeiro, como um imenso colóquio com Deus (“*Conversando convosco*”, escreve Agostinho), como uma palavra vibrando intensamente pela interlocução divina na qual ele mantém. (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 67, grifo no original).

Esta produção literária de Santo Agostinho traz os princípios fundamentais do próprio autor, além de afirmar a ortodoxia cristã contra as heresias vigentes em seu tempo, estruturando a doutrina apostólico-romana. Assim, as hagiografias² e as epopeias³ disputavam seu lugar na literatura medieval. Delory-Momberger (2014) destaca que a obra de Agostinho marca a passagem da Antiguidade para a Idade Média.

Na Idade Média, ocorreram dois fatos importantes: o surgimento da canção de gesta e o nascimento de termos que refletiriam sobre a temporalidade (século XII na França). A canção de gesta “[...] é um modo poético medieval de comunicar a significação de um fato temporal importante, seja ele de ordem política, amorosa ou religiosa.” (PINEAU; LE GRAND, 2012, p. 47).

Esta foi representada pelas canções de amor e pelas histórias. Por vezes orais, por vezes escritas, estas eram “[...] reforçadas pela música e pelo canto e praticadas por troveiros e trovadores.” (PINEAU; LE GRAND, 2012, p. 48). A canção de gesta, certamente, contribuiu para produzir sentidos sobre a existência dos indivíduos. Assim, os personagens das canções de gesta buscam representar um ideal na sociedade feudal (DELORY-MOMBERGER, 2014).

Em relação aos termos surgidos na França para refletirem sobre temporalidade, estes foram um marco na Idade Média, causando “[...] uma primeira evolução na consciência de si.” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 76).

A própria palavra “história” apareceu, já no século XII, com o sentido de “representação figurada”. Ao longo desse mesmo século, apareceram os termos “crônicas” – “livro que se reporta ao tempo” – e “genealogia” – “ciência das origens ou sequência, recenseamento dos ancestrais”. No século XVI, “história” significava “contar”, e no século XV, “histórico” havia sido criado. (PINEAU; GRAND, 2012, p. 48).

Ainda neste período, surgem outros termos, como “Diário” para relacionar os acontecimentos do dia a dia; “memória” para preservar alguma lembrança ou fato histórico e “Anais” (que surgiu um século depois) para relatos de acontecimentos que ocorreram durante o ano (PINEAU; LE GRAND, 2012), com o intuito de produzir sentido na vida diária. Delory-Momberger (2014) destaca o papel das mulheres nesse tipo de escrita, pois elas abordavam valores e aspectos íntimos nas suas vivências diárias.

Pineau e Le Grand (2012) afirmam que, somente após a revolução técnica e cultural do Renascimento, a construção pessoal irá se desenvolver mais progressivamente, tornando-se importante para a história da sociedade, pois “[...] o século de Colombo, de Magellan, de Cortez não podia deixar de aproveitar, da aventura sobre os mares e da descoberta de novos mundos, a metáfora de humanidade que se lança em busca de si mesma.” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 95).

Conforme esses autores, “[...] os séculos XVII e XVIII assistem a um florescimento das escritas religiosas do eu na Inglaterra e na Alemanha, anunciando a explosão romântica, de que são contemporâneas as Confissões de Rousseau (1782).” (PINEAU; LE GRAND, 2012, p. 52).

É notória a contribuição de Jean-Jacques Rousseau para as Histórias de vida, pois *As Confissões* (1765-1770) inaugurou o sentido da escrita de si e do nascimento da autobiografia moderna, tendo ele afirmado sua vontade em contar tudo, sem nada ocultar sobre suas faltas e erros. Essa obra é “[...] para a tradição francesa o texto fundador ao qual toda obra autobiográfica é obrigada a fazer referência.” (DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 140).

Interessante conhecer as perspectivas de Santo Agostinho e Rousseau sobre as suas escritas autobiográficas: para Santo Agostinho, a confissão é um ato de fé; para Rousseau, porém, ela é um ato de persuasão.

Ainda no Renascimento, “[...] o surgimento da imprensa em meados do século XV; a descoberta do Novo Mundo anos mais tarde (1492); a revolta de Lutero (1517) e o *Tratado sobre as revoluções dos mundos celestes*, de Copérnico.” (PINEAU; LE GRAND, 2012, p. 49, grifo no original) mudaram a forma da sociedade construir sentido sobre sua existência e abriram novos caminhos para os pesquisadores. Nessa época, surge o hábito, sobretudo da burguesia, da escrita diária sobre a vida privada, como os diários de viagem, comerciais e de missões diplomáticas.

Com o Iluminismo, as hagiografias começam a serem datadas. Temos como exemplo Martinho Lutero (1483-1546). Seus discípulos recolhiam suas palavras, que foram transcritas e ditadas depois de sua morte, filiando-se ao gênero constituído pelos evangelhos. Outras autobiografias católicas são editadas, como o diário íntimo de Santo Inácio de Loyola (1544) e o livro da vida de Santa Tereza de Ávila (1588).

Os séculos XVIII e XIX assistem, na Europa, a uma verdadeira explosão de confissões, memórias, lembranças, vidas ou histórias de vida, publicações pontuadas pelo aparecimento, na Alemanha e na Inglaterra, da palavra “autobiografia” por volta dos anos 1800. (PINEAU; LE GRAND, 2012, p. 52).

A partir desses acontecimentos, que mostraram aos indivíduos a produção de suas narrativas como modo de escreverem seus nomes na História, chegamos aos séculos XVIII e XIX, quando as revoluções políticas e midiáticas modificaram as práticas antigas, forjando um novo Homem social.

A obra biográfica, então, começou a ser produzida por todo mundo e a literatura se torna divulgadora das Histórias de vida.

As variedades dessas formas literárias ganham o mundo nos séculos XX e XXI, sobretudo no Brasil, quando essa nova forma ganha força nas Ciências Humanas, mais precisamente na Educação, buscando compreender a Heteroformação (ação dos outros) e a Autoformação (formação do eu). (FREITAS; BARGUIL, 2019, p. 35).

Com o apogeu das Histórias de vida e das narrativas de si, faz-se necessária a compreensão de seus desdobramentos na vida das pessoas. Escrever e reviver a vida não são simplesmente uma maneira nostálgica de querer falar de si, mas resgatar aquilo que fez sentido em nosso caminhar.

Na próxima seção, discutiremos sobre as Histórias de vida e suas contribuições para a formação humana.

3. HISTÓRIA DE VIDA: A PRODUÇÃO DE SENTIDOS E A (AUTO)FORMAÇÃO

Compreender a vida não é fácil! Constituir sentido e formação através de nossa trajetória formativa não é simples. As Histórias de vida buscam, mediante a interpretação da experiência vivida, da sua

trajetória, construir a identidade de cada pessoa. Ela é, portanto, uma prática autopoietica, ou seja, possibilita a produção de si mesmo.

No entendimento de Pineau e Le Grand (2002, p. 125), as Histórias de vida

Constituem uma arte poderosa de governo dessa vida, a qual, conforme suas condições de exercício, pode ajudar, sujeitar ou autonomizar. Muito eficazes, elas produzem algo, uma história, naturalmente, mas que não se reduz a um simples enunciado. Elas conferem sentido a experiência vivida, e se esse sentido é apropriado pelo sujeito, elas desenvolvem uma competência não apenas linguística, mas também comunicativa ou pragmática.

As Histórias de vida produzem o indivíduo, o qual busca interpretar sua história articulando narrativamente os diferentes movimentos nos espaços-tempos em que se situam. Além de se constituírem como um fenômeno antropológico, as Histórias de vida são práticas multiformes⁴, que envolvem a expressão das experiências vividas pelo indivíduo que constrói a narrativa de si.

As histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia de que "ninguém forma ninguém" e que "a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida". (NÓVOA, 2014, p. 153).

A narrativa de vida e o Método (auto)biográfico não objetivam apenas que o sujeito fale de si, pois esse discurso é uma oportunidade para ele refletir sobre a sua história, elencando fatos – do passado e do presente – para construir conhecimento acerca de si e poder, assim, pensar em seu projeto de vida.

Sobre esse deslocamento temporal e a constituição de sentido pelo sujeito, Souza (2007, p. 63-64) declara:

Trabalhar com a memória, seja a memória institucional ou a do sujeito, faz emergir a necessidade de se construir um olhar retrospectivo e prospectivo no tempo e sobre o tempo reconstituído como possibilidade de investigação e de formação de professores. A memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador.

Como o sujeito começa a contar a sua história de vida? A partir de várias situações que constituíram o seu dia a dia. São histórias que vão desde o seio familiar à vivência social e cultural, perpassando amigos, professores e demais sujeitos que, de alguma maneira, contribuíram na sua formação.

Em relação a isso, Ferrarotti (2014, p. 41) afirma que as narrações relatam uma "práxis humana", que é uma

[...] atividade sintética, totalização ativa de todo um contexto social. Uma vida é uma práxis que se apropria das relações sociais (as estruturas sociais) interiorizando-as e voltando a traduzi-las em estruturas psicológicas, por meio da sua atividade desestruturante - reestruturante.

É, a partir desta práxis humana, que "[...] o sujeito confronta-se consigo mesmo." (JOSSO, 2014, p. 67), ordenando diferentes momentos de sua vida, os quais estão espalhados no seu percurso de vida, e construindo, assim, sua própria cronologia formativa e educativa. Essa formação busca dar sentido à constituição ontológica e à relação com o outro, respondendo as seguintes indagações: Como eu me formei? Que caminhos me trouxeram até aqui?

A nosso ver, a práxis da história de vida caracteriza-se, no plano da formação, pela preferência por uma concepção do liame social que valoriza, como elemento central, o respeito pelo indivíduo passível de orientar sua vida a partir da consideração dos fatores determinantes da sua própria história (pessoal, social, historicamente situada, datada), e de sua transformação num projeto existencial socialmente inscrito. (PIENAU; LE GRAND, 2012, p. 151).

O trabalho com as Histórias de vida, enquanto práxis humanas, objetiva, portanto, que o sujeito entenda a sua própria trajetória e como esta lhe formou, mediante a identificação de contextos, pessoas e acontecimentos, bem como a atribuição de sentidos.

Esse também é o entendimento de Soares, Menezes e Freire (2016, p. 429), quando declaram que

[...] o uso da abordagem das histórias de vida como metodologia privilegia a coleta de informações contidas na vida pessoal, não se tratando de mera descrição de fatos, mas um esforço de reconstrução da memória, atribuindo novos sentidos.

Josso (2010, p. 35) afirma que o conceito de formação é enriquecido com as práticas biográficas e que “[...] os processos de formação dão-se a conhecer, do ponto de vista do aprendente, em interações com outras subjetividades.”. Desse modo, a formação pode ser compreendida como um movimento que acontece na relação com o outro e com a temporalidade da vida do aprendente.

Dominicé (2014b) também discute o processo de formação com a ajuda de relatos biográficos e pondera sobre a autointerpretação da própria trajetória de formação. No seu entendimento, “[...] a formação assemelha-se a um processo de socialização” (DOMINICÉ, 2014b, p. 89) e que “[...] depende do que cada um faz do que os outros quiseram, ou não quiseram fazer dele.” (DOMINICÉ, 2014b, p. 90). A formação, portanto, pode ser compreendida como um movimento de transformação, pessoal e coletiva, estando vinculada à experiência do sujeito que intenciona entendê-la.

Pineau (2014) divide o conceito de formação em três categorias: a) Heteroformação (ação dos outros); b) Autoformação (ação do eu); e c) Ecoformação (ação do meio ambiente).

O fato de esse autor designar uma categoria para cada elemento (eu, o outro e o ambiente), não significa que podemos entender cada uma de modo separado, muito pelo contrário, pois elas se influenciam continuamente e participam de um todo, que é a formação.

Ainda sobre essa temática, Josso (2010, p. 35, grifo no original) declara: “Formar-se é integrar numa prática o saber-fazer e os conhecimentos, na pluralidade dos registros a que acabo de aludir. Aprender designa, então, mais especificamente, o próprio processo de integração”. A aprendizagem, portanto, é fruto da relação que a pessoa estabelece entre as suas vivências – individuais e coletivas – no passado e no presente.

É a partir da experiência, do vivido, que ocorrem os processos formativos dos autores sociais, os quais buscam “[...] construir sua própria formação com base num balanço de vida (perspectiva retrospectiva) e não apenas numa ótica de desenvolvimento futuro.” (NÓVOA, 2014, p. 152).

Nóvoa (2014) declara que a formação pertence exclusivamente à pessoa que se engendra, pois aquela “[...] é um espaço de socialização e está marcada pelos contextos institucionais, profissionais, socioculturais e econômicos, em que cada indivíduo vive.” (NÓVOA, 2014, p. 159).

Destarte, todos os pesquisadores citados concordam que o processo formativo requer a reflexão pessoal sobre o vivido, estabelecendo vínculos, constituindo interpretações entre a ação do eu, do outro e do meio ambiente.

A narrativa não pode ser apenas uma reconstrução subjetiva e arbitrária sem objetivos (PINEAU; LE GRAND, 2012), mas uma construção pessoal de sentidos, pois

Construir uma história de vida é constituir um terceiro-tempo histórico pessoal que articula de modo singular vestígios, lugares e datas no curso da vida social e cósmica. [...] requer do sujeito que ele tenha vivido e ousado diferenciar-se desse vivido para construir e, mais tarde, incluir nessa construção um terceiro-tempo singular, situado entre a particularidade e a universalidade. (PINEAU; LE GRAND, 2012, p. 114).

É necessário compreendermos, a partir da história de vida individual, a sua experiência constituinte e o seu processo de formação. Nóvoa (2014) atenta que a ação educativa só tem poder de formar quando interage com a lógica do sujeito aprendente e que este se constitui “[...] por meio das experiências, dos contextos e dos acontecimentos que acompanham sua existência.” (NÓVOA, 2014, p. 159).

A partir do vivido nos ambientes socioculturais, a pessoa elabora suas representações, que caracteriza a sua identidade, pois falar de nossas experiências formadoras é “[...] contar a si mesmo a própria história, as suas qualidades pessoais e socioculturais, o valor que se atribui ao que é ‘vivido’ na continuidade do nosso ser psicossomático.” (JOSSO, 2010, p. 47). A experiência é algo que nos afeta e nos concede atribuir sentido ao que foi vivido. Ela, portanto, nos (trans)forma.

Podemos definir experiência como nossas vivências particulares, que fazem parte do nosso *continuum* trajeto. Josso (2010) destaca que as vivências atingem o status de experiência a partir do momento em que refletimos sobre o que se viveu, o que foi percebido.

O conceito de experiência formadora implica uma articulação conscientemente elaborada entre atividade, sensibilidade, afetividade, ideação. Articulação que se objetiva numa representação e numa competência. É neste ponto que convém ficarmos atento à importância da escala com a qual está relacionada a experiência em questão. Parece-me útil fazer uma distinção entre *experiências existenciais* – que agitam as coerências de uma vida, e até mesmo os critérios dessas coerências -, e a *aprendizagem pela experiência*, que transforma complexos comportamentais, afetivos ou psíquicos sem pôr em questão valorizações que orientam os compromissos da vida. Assim, por definição, *a formação é experiencial ou então não é formação, mas a sua incidência nas transformações da nossa subjetividade e das nossas identidades pode ser mais ou menos significativas.* (JOSSO, 2010, p. 48, grifos no original).

Josso (2010), a partir do conceito de experiência, afirma que as narrativas permitem distinguir as experiências partilhadas e individuais e as experiências em série e únicas. Essas experiências comportam as dimensões afetivas e comportamentais do ser humano. Trata-se de uma referência para ajudar na composição da subjetividade do ser. As experiências podem ser agrupadas em:

- a) as aprendizagens e conhecimentos existenciais (Como é que eu me conheço como ser psicossomático?);
- b) as aprendizagens e conhecimentos instrumentais e pragmáticos (Como é que eu me conheço como ser capaz de interagir com as coisas, a natureza e os homens?);
- c) as aprendizagens e conhecimentos compreensivos e explicativos (Como é que eu me conheço como ser capaz de representações?). (JOSSO, 2010, p. 49).

Importante destacar que os saberes advêm das experiências próprias que são construídas socioculturalmente, ou seja, nossos conhecimentos são frutos de nossa própria existência e vivências de nossa cultura. Estas experiências, ao serem narradas, passam da expressão do psicológico ao cultural do ser, pois “[...] trata-se de compreender o sentido que os atores sociais dão a seus atos, aos acontecimentos que lhes dizem respeito.” (PINEAU; LE GRAND, 2012, p. 33).

Mas o que faz uma experiência? Josso (2010, p. 51) categoriza a construção da experiência em três modalidades:

- a) “ter experiências” é viver situações e acontecimentos, durante a vida, que se tornaram significativos, mas sem tê-los provocado;
- b) “fazer experiências” são as vivências de situações e acontecimentos que nós próprios provocamos, isto é, somos nós mesmos que criamos, de propósito, as situações para fazer experiências;
- c) “pensar sobre as experiências” tanto aquelas que tivemos sem procurá-las (modalidade a), quanto as que nós mesmos criamos (modalidade b).

As modalidades a) e b) – ter e fazer experiências – dizem respeito às interações com nós mesmos e com os outros no ambiente natural; a modalidade c) – pensar sobre as experiências – busca refletir sobre nossas experiências relacionando com a vida e estabelecer relações. A articulação dessas modalidades compõe a história do sujeito, compreendendo ações, sentimentos e sentidos na busca da conclusão do eu, a qual diz respeito ao processo da narrativa de si que é conduzida por um objetivo.

Nesse sentido, Josso (2010, p. 51) explica: “É aqui que situam as práticas das histórias de vida que se propõem a melhor entender as diferentes componentes da formação.”, pois “[...] não é o conhecimento em si que interessa, mas sim a importância que o sujeito lhe atribui na regulação de seu percurso de vida.” (JOSSO, 2010, p. 87).

Assim, os estudos dos processos de formação, de conhecimento e de aprendizagem, tendo em vista a elaboração de uma formação experiencial, efetua-se a partir da construção da história de formação, mediante a narrativa das experiências com as quais o autor/ator aprendeu, mediante seu modo de operar escolhas, de se situar em seus vínculos e de definir seus interesses, nas valorizações e aspirações. (JOSSO, 2010, p. 69).

A formação, a partir da narrativa de si, é uma produção construída, uma memória que busca produzir sentido. Conforme os autores citados, a prática das Histórias de vida e do Método (auto)biográfico não é apenas uma estratégia de conhecimento ou de uma pesquisa, mas de um meio de articulação entre a reflexão e o conhecimento de si associado à pesquisa narrativa.

As histórias de vida e o método (auto)biográfico integram-se no movimento atual que procura repensar as questões da formação, acentuando a ideia que “ninguém forma ninguém” e que “a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão sobre os percursos de vida”. (NÓVOA, 2014, p. 153).

Nóvoa (2010, p. 161) conceitua formação como “[...] uma tomada de consciência reflexiva (no presente).” e explica que a abordagem (auto)biográfica deve ser compreendida como uma estratégia que possibilita ao autor ser protagonista de seu processo de formação, apropriando-se de seu percurso de vida e desencadeando a reflexão teórica sobre sua trajetória formativa, pois “[...] a formação pertence exclusivamente à pessoa que se forma”. (NÓVOA, 2010, p. 159).

Podemos afirmar, portanto, que o processo de formação é transversal por muitos processos relacionais. Assim, não se trata de aprender sobre o vivido, mas de refletir sobre o que aprendemos com nossa trajetória e história de vida. A reflexão possibilita a constituição dos processos identitários. A subjetividade é continuamente moldada pela socialização e pela relação que cada pessoa estabelece, a partir da sua realidade, entre o vivido e o sentido. Entendemos que a identidade não é fixa, pois o indivíduo pode reconfigurá-la em virtude das novas experiências e interpretações.

Nesse sentido, identidade e formação estão interligadas por meio da experiência vivida e do conhecimento de si atribuído pelo sujeito. O olhar do sujeito, no presente, para o passado projeta o futuro e favorece a sua formação e a construção da sua identidade. Nas Histórias de vida narradas, a identidade se constrói a partir do olhar atento da pessoa para si mesma. Eis uma das contribuições das Histórias de vida e da Pesquisa (Auto)biográfica: a construção, nunca finalizada, de si e da sua identidade!

Desde o seu surgimento, intitulado como *bios*, até a parte contemporânea das Histórias de vida, buscou-se construir um campo epistemológico para a discussão e a pesquisa nas Ciências Humanas (Antropologia, Sociologia e Educação). Na próxima seção, iremos discutir sobre a Pesquisa (auto)biográfica em Educação.

4. A PESQUISA AUTO(BIOGRÁFICA) EM EDUCAÇÃO

Atualmente nas Ciências do humano⁵, principalmente na Educação, as Histórias de vida e o Método (auto)biográfico ganharam força com o intuito de buscar compreender aspectos da formação, tanto docente como humana, conforme Josso (2010, p. 27, grifos no original) declara:

No campo da educação, além dos trabalhos de pesquisa-formação, assistimos ao desenvolvimento nos currículos, nomeadamente na formação de professores, de *uma sensibilidade à história dos aprendentes e da sua relação com o saber*, ao tempo em que a formação continuada se abria ao reconhecimento dos saberes adquiridos.

Dessa maneira, ao construir sua história de vida, o sujeito aprendente compreende como aconteceu a sua formação, evidenciando o que foi formador em sua trajetória. A abordagem (auto)biográfica busca "Evidenciar um processo de mudança do posicionamento do pesquisador [...] articuladas à construção de uma história de vida [...]" e "Demarcar a contribuição do conhecimento dessas metodologias [...] abrangendo a formação e suas características [...]". (JOSSO, 2010, p. 31).

A Pesquisa (auto)biográfica é uma abordagem inter/transdisciplinar que busca, através do diálogo entre pares, construir uma narrativa com a intenção de intervir na realidade do aprendente. "Pela narrativa autobiográfica podemos nos tornar sujeitos de nossa própria história (estratégia de empoderamento)." (OLINDA, 2018, p. 36). Esta abordagem "[...] ancora-se no 'paradigma do singular-plural', uma vez que a subjetividade e a historicidade são inerentes aos processos de narração de si." (OLINDA, 2018, p. 38).

Pela autobiografia, situamo-nos no mundo simbólico da cultura. Por meio dela, identificamo-nos com uma família, uma comunidade e, indiretamente com a cultura mais ampla. Ela é a única maneira de que dispomos para o relacionamento com nossos iguais depois de sairmos do escudo dos mecanismos infantis que nos permitem nossa prolongada imaturidade. (BRUNER, 1995, p. 146).

Dessa maneira, o sujeito tem autonomia para construir seu conhecimento e sua formação mediante processos que favorecem a emancipação humana. O trabalho biográfico precisa ser acrescido da reflexão de quem narra. A partir da narrativa de si, o aprendente busca compreender seu percurso de vida e as relações sociais entre os indivíduos. "O depoimento oral nos coloca frente à informação e à necessidade de interpretação." (OLINDA, 2018, p. 64).

A pesquisa (auto) biográfica tem por ambição compreender como os indivíduos (a criança, o jovem, o adulto) e/ou grupos (familiares, profissionais, gregários) atribuem sentido ao curso da vida, no percurso de formação humana, no percurso da história. (PASSEGGI, 2011, p. 20).

A Pesquisa (auto)biográfica é um trabalhar com o outro, e não sobre a história do outro, mediante diálogo e escuta sensível. Essa metodologia busca construir, narrativamente, os sentidos da vida, através de lembranças que são consideradas referências na escolha dos caminhos percorridos pelo sujeito aprendente.

Josso (2010, p. 37) conceitua essas lembranças como recordações-referências, pois elas são elementos simbólicos e, por isso, formativos:

A recordação-referência significa, ao mesmo tempo, uma dimensão concreta ou visível, que apela para nossas percepções ou para as imagens sociais, e uma dimensão invisível, que apela para emoções, sentido ou valores. [...] São experiências que podemos utilizar como ilustração numa história para descrever uma transformação, um estado de coisas, um complexo afetivo, uma ideia, como também uma situação, um acontecimento, uma atividade ou um encontro. E essa história me apresenta ao outro em formas socioculturais, em representações, conhecimentos e valorizações, que são diferentes formas de falar de mim, das minhas identidades e da minha subjetividade.

Essas referências podem ser qualificadas como formadoras, conduzindo a narrativa para a formação e para a reflexão ontológica, favorecendo o encontro paradoxal entre passado e futuro para fazer e questionar o presente.

A qualidade essencial de um sujeito em formação está, então, na sua capacidade de integrar todas as dimensões do seu ser: o conhecimento dos seus atributos de ser psicossomático e de saber-fazer consigo mesmo; o conhecimento das suas competências instrumentais e relacionais e de saber-fazer com elas; o conhecimento das suas competências de compreensão, de explicação e do saber-pensar. (JOSSO, 2010, p. 43).

Nas palavras da autora, o sujeito confronta-se consigo mesmo, ou seja, compreende a si em um movimento de construção identitária, identificando no passado elementos que possam trazer sentido no presente para se projetar no futuro.

Concordamos com Pineau e Le Grand (2012, p. 143), quando ressaltam que "[...] tentar compreender a própria vida é, antes de tudo, aceitar ser recortado em categorias limitadas e, em seguida, projetá-las fora de si. É uma verdadeira desconstrução, que fraciona a unidade sincrética inicial em peças avulsas.". Os autores ainda afirmam que construir a história de vida do aprendente é um movimento de completude.

Por isso, é tão importante o movimento da Pesquisa (auto)biográfica em Educação. A compreensão dos caminhos que levam até à docência enriquece o processo formativo do sujeito licenciando/aprendente, pois este processo de formação é também um processo de socialização, que

está entrelaçado na experiência pessoal, que vai se transformando por meio do conhecimento constituído por cada indivíduo.

Na formação de professores, trazer o(a) docente para o centro da reflexão de modo que ele(a) compreenda os seus trajetos e a escolha do seu ofício oportuniza a construção e a apropriação de saberes requeridos na sua ação profissional.

Dominicé (2014b) defende esse movimento, ao afirmar que os relatos de vida elaborados em contexto educativo abrem pistas de reflexão e possibilitam avançar na formação de hipóteses. O mesmo autor afirma que as histórias de vida são as relações que ajudam o sujeito aprendiz a moldar sua vida. E acrescenta:

A formação é feita da presença de outrem, daqueles de que foi preciso distanciarmos, dos que acompanham os momentos-charneira, dos que ajudam a descobrir o que é importante aprendermos para nos tornarmos competentes e darmos sentido ao nosso trabalho. (DOMINICÉ, 2014b, p. 89).

O autor defende a ação educativa como um suporte de autoformação. E salienta que “[...] o seu uso depende de um objeto de investigação e de um contexto educativo favorável.” (DOMINICÉ, 2014a, p. 137).

A autoformação é um processo de vida e de interações cognitivas, na qual o sujeito é protagonista de sua própria formação permanentemente, a partir dos fatos sociais que estão em constante mudança. Cabe ressaltar que Educação e formação podem ter dois significados distintos. O primeiro se refere à prática social e o segundo como transformação pessoal. A abordagem (auto)biográfica busca conectar Educação e formação vinculando a história de vida do sujeito à sua própria aprendizagem experiencial.

O alargamento da consciência de si, da autopercepção acontece, conforme Bien e Barroco (2020, p. 334), quando as pessoas “[...] revisitam e relatam suas histórias de vida, refletindo sobre quem são e de onde vêm [...]”. Entendemos, portanto, que a formação acontece quando o sujeito atribui sentido à sua experiência.

Esse também é o entendimento de Nóvoa (2014, p. 154): “[...] a abordagem biográfica deve ser entendida como uma tentativa de encontrar uma estratégia que permita ao indivíduo-sujeito tornar-se ator do seu processo de formação, por meio da apropriação do seu percurso de vida.”. Ainda sobre essa temática, Nóvoa (2014, p. 155) declara que as Histórias de vida não são apenas como instrumento pedagógico ou de pesquisa, pois elas possibilitam “[...] uma reflexão teórica sobre o processo de formação dos adultos, dando aos formandos o estatuto de investigadores.”.

As Histórias de vida, destarte, são instrumentos de investigação para quem objetiva compreender as trajetórias de vida dos sujeitos, ao mesmo tempo em que colaboram para a formação deles, pois as Histórias de vida colocam “[...] em evidência algumas diferenças ou mostram sutilmente que a contribuição educativa se inscreve num processo único.” (DOMINICÉ, 2014c, p. 196).

Na Educação, as investigações acontecem em situações reais, que foram vivenciadas pelas pessoas, motivo pelo qual

[...] podemos afirmar que o conhecimento dos processos de formação só é possível à medida que o percurso da investigação é formador. A compreensão que os

estudantes têm do seu processo de formação contribui para o saber do investigador. (DOMINICÉ, 2014c, p. 197).

Concordamos com Ferrarotti (2014, p. 31), quando declara que “[...] as pessoas querem compreender a sua vida cotidiana, as suas dificuldades e contradições, e as tensões e problemas que lhes impõe.”. Para que esse entendimento seja elaborado, é necessário que a voz do sujeito seja ouvida por ele e pelos demais participantes do processo formativo.

É nesse diálogo narrativo que a relação com o meio social surge propiciando a reflexão e o encontro com o eu. O trabalho com as Histórias de vida assenta o sujeito diante dos acontecimentos que propiciaram a sua formação favorecendo que ele possa identificar os saberes advindos dela, pois a História de vida é “[...] uma ação social pela qual um indivíduo retotaliza sinteticamente sua vida [...]”. (FERRAROTTI, 2014, p. 44).

Dessa forma, a partir da produção da história de vida, pautada na Pesquisa (auto)biográfica, a abordagem da trajetória do sujeito torna-se um processo de formação que é atravessado por alguns processos relacionais. Desta forma, “[...] já não se trata tanto de aprender, mas de refletir no que se aprendeu anteriormente.” (DOMINICÉ, 2014c, p. 199). Nessa abordagem, a utilização da dimensão temporal comparece, pois o sujeito confronta sua vida no percurso de suas memórias, experiências e projetos.

O que se objetiva não é apenas reescrever a trajetória, de rememorar aspectos da vida. Não basta também refletir, mas questionar o porquê desta reflexão, pois “[...] o percurso biográfico é o lugar de um balanço ou de uma síntese, que podem ser realizados justamente porque fazem parte do ensino.” (DOMINICÉ, 2014c, p. 200).

Considerando os aportes teóricos referentes a Histórias de vida e à Pesquisa (auto)biográfica, defendemos a incorporação dessas abordagens na formação docente, pois elas favorecem a reflexão e trazem a dimensão humana para o centro do processo de desenvolvimento, tornando o sujeito protagonista de sua formação e possibilitando que ele se aproprie de seu percurso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo de nossas discussões, pudemos observar que as Histórias de vida vêm sendo trabalhadas e ressignificadas, direta ou indiretamente, desde a Idade Antiga até à Contemporaneidade. A prática multiforme da escrita de si possibilita que os feitos de pessoas, historiadores, heróis e santos sejam perpetuados.

As Histórias de vida favorecem que as pessoas elaborem sentido sobre as suas experiências, as suas vivências. Não se trata, todavia, apenas de uma busca de memórias, mas é uma procura reflexiva, na qual o sujeito (re)conhece e compreende o que foi formador em sua vida.

Na Educação, essa prática favorece a constituição da identidade docente, pois os estudantes sinalizam, em sua trajetória, aspectos formadores dos seus saberes profissionais, pois, como bem assinala Nóvoa (2014), ninguém se forma sozinho: a formação acontece nas relações, nos vínculos que o sujeito estabelece.

Trabalhar com as Histórias de vida não é apenas um instrumento pedagógico, mas também um instrumento de pesquisa e de auto e heteroformação. É um movimento que constitui sentido à

trajetória do sujeito, totalizando os seus aspectos subjetivos: o que ele fez, sentiu e aprendeu em seu caminhar. É uma intervenção no seu presente sobre o seu passado visando à sua aprendizagem e ao seu futuro.

Portanto, a utilização de Histórias de vida em cursos de formação, inicial e continuada, é um aporte indispensável tanto para os conhecimentos advindos do currículo, como para a dimensão humana do Ser. É uma prática pedagógica e investigativa formadora que enriquece a construção da trajetória formativa, ao elencar e interpretar elementos que constituem a identidade de cada pessoa.

Na formação de professores, essa abordagem possibilita que o(a) educador(a) (re)conheça a sua trajetória e, caso deseje, empreenda mudanças. A formação docente está, inexoravelmente, interligada com a trajetória pessoal. A articulação entre pessoal e profissional faz parte do movimento de construção da identidade docente.

A importância da história de cada pessoa na prática docente reside no fato de propiciar que aquela se constitua como um profissional que valoriza a dialogicidade e a reflexividade, características que tantos almejamos para a Educação.

6. REFERÊNCIAS

BIEN, Emanuelle da Silva Gatto; BARROCO, Sonia Mari Shima. Arte, História e Educação na psicoterapia de grupo: em defesa da formação humana. **Revista Educar Mais**, Pelotas, v. 4, n. 2, p. 320-337, 2020.

BRUNER, Jerome. A invenção de ser: a autobiografia e suas formas. In: OLSON, David; TORRANCE, Nancy (Orgs.). **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática, 1995. p. 141- 161.

BUENO, Belmira Oliveira; CHAMLIAN, Helena Coharik; SOUSA, Cynthia Pereira de; CATANI, Denice Barba. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 32, n. 2, p. 385-410, maio/ago. 2006.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **As histórias de vida: da invenção de si ao projeto de formação**. Natal: EDUFRN, 2014.

DOMINICÉ, Pierre. A biografia educativa: instrumento de investigação para a educação de adultos. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014a. p. 133-141.

DOMINICÉ, Pierre. O processo de formação e alguns dos seus componentes relacionais. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014b. p. 77-90.

DOMINICÉ, Pierre. O que a vida lhes ensinou. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014c. p. 177-210.

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. Tradução Maria Nóvoa. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2014. p. 29-55.

FREITAS, Bruno Miranda; BARGUIL, Paulo Meireles. A contribuição das histórias de vida e o método autobiográfico para a construção da identidade docente. In: ANDRADE, Francisco Ari de; MACIEL,

Ilana Maria de Oliveira; FELIX, Antonio Gilvamberto Freitas (Orgs.). **Educação Brasileira: peculiaridades e pluralidades**. Curitiba: CRV, 2019. p. 33-43.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

JOSSO, Marie-Christine. Da formação do sujeito... Ao sujeito da formação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 2014. p. 57-76.

NÓVOA, António. A formação tem que passar por aqui: as histórias de vida no Projeto Prosalus. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 2014. p. 143-175.

OLINDA, Ercília Maria Braga de. **Uma santa na penumbra: razões entrecruzadas para o isolamento da beata Maria de Araújo na História e nas práticas pedagógicas do ensino fundamental**. 2018. Tese (Promoção para professora titular) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

PASSEGGI, Maria da Conceição. A pesquisa (auto) biográfica em educação: princípios epistemológicos, eixo e direcionamentos da investigação científica. In: VASCONCELOS, Fátima; ATEM, Érica (Orgs.). **Alteridade: o outro como problema**. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora Ltda., 2011. p. 13-39.

PINEAU, Gaston. A autoformação no decurso da vida: entre a hétero e a ecoformação. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias. **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal: EDUFRRN, 2014. p. 91-109.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. **As histórias de vida**. Natal: EDUFRRN, 2012.

SOARES, Liane Cristina Figueredo; MENEZES, Cecília Maria de Alencar; FREIRE, Jane Luci Ornelas. As histórias de vida na profissão docente: uma contribuição para a história da educação. **Educação: Teoria e Prática**, Rio Claro, v. 26, n. 53, p. 428-444, set./dez. 2016.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: NASCIMENTO, Antônio Dias; HETKOWSKI, Tânia Maria (Orgs.). **Memória e formação de professores** [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 59-74.

Submissão: 18/12/2020

Aceito: 06/01/2021

Notas:

¹ Esta obra marca a passagem da Antiguidade para a Idade Média.

² Biografia de santos. O termo surgiu por volta de 1500.

³ Ações memoráveis de um herói histórico ou lendário que representa uma coletividade.

⁴ Práticas com fronteiras e estruturas incertas com formas múltiplas (PINEAU; LE GRAND, 2012).

⁵ Josso (2010) denomina Ciências do humano para designar as áreas que estudam a dimensão humana.